**Os versos da Dialética da Teoria**

Baseado na aula do Professor Doutor Gilson Ciarallo

Disciplina: Metodologia Científica

22/03/2016 - UniCEUB

Teoria serve para testar novos conhecimentos, como um convite a pessoa, que tem por desejo uma elevação de princípios, conhecer novos paradigmas e interpretações que servirão para a sua harmonia de consciência e interação com o espaço.

Como assinala o Professor Gilson Ciarallo: pensamento e teoria somente têm valor quando capta a essência de um conteúdo em que é possível construir um espaço interior que se interrelaciona com o ambiente. Então uma profunda indagação parece fazer sentido, quando o espectro crítico em que o indivíduo passa a captar suas necessidades, o faz ser agente de sua significação para a reprodução de uma razão a fim de ser modelo de consciência, sendo observado como uma função para a teoria, como algo possível? Então quando o homem se volta para os alicerces da natureza, e se depara com a grandiosidade do sol, é possível o sol também ter uma função?

Abro aspas: reparem que a linha de raciocínio do Professor Gilson Ciarallo, nos faz refletir a necessidade de uma indexação intencional em nossa mente. Uma relação do sol para um aspecto da natureza, onde o sol necessita ser simbolizado para ter uma funcionalidade que sua influência exerce sobre nossa estrutura corpórea a cada amanhecer. Então esta necessidade de simbolização somente se sustenta se ela for amarrada, sintetizada e construída sobre bases bem firmes que o pensamento crítico exige. Então a teoria é de fato esta construção necessária para a manutenção da ordem dentro de nós.

Voltando a disciplina, O Professor Gilson Ciarallo, abstrai teoria num nível de produção humana, onde tem como um dos seus pressupostos o desenvolvimento de uma “invenção”, em que este último termo não é assimilado no seu sentido inverso, ou pejorativo, mas sim, no sentido de conexão. Mas por que ela então faria parte de nossa estrutura de trabalho? E o que nos leva a refletir?

De nada serve você levantar questões teóricas se você somente se restringe ao levantamento de questionamentos, você deve também buscar por respostas, este é um dos sentidos que a função da construção teórica exige de ti para sua maturação como um indivíduo de elevada consciência.

A teoria e a missão teórica têm sua função de gerar sentido a um conteúdo, assim como uma flor ser o receptáculo para a maturação do pólen que tem como objetivo final sintetizar um novo indivíduo. Dar sentido a coisas é uma importante configuração que desenvolve a psique humana e contribui para o equilíbrio de sua estrutura cognitiva.

Rubens Alves, em seu livro ***A teoria e a Missão Teórica*** conota uma linguagem estruturada onde visa conectar a teoria como uma configuração em redes.

Abro aspas, é o homem que se projeta por sobre o oceano, um pescador cujo sucesso de sua invenção, como marinheiro, seja o lançamento de uma rede onde se pretende fisgar o peixe. Não sabes que além do peixe, o próprio instrumento de trabalho, é um conteúdo epistemológico refém do subjetivismo e a construção de uma história?

A rede é assim para o pescador um conteúdo estruturado, mas para que nos servirá a metáfora da rede? Porque é através da rede que coexiste um entrelaçamento de ideias. E assim como a rede tem a função de alçar o peixe, para o homem é a construção de sua própria subjetividade. Portanto, as teorias existem para que possamos pegar determinados objetos.

Então, Professor Gilson Ciarallo, conclui teoria como sendo um conjunto de saberes e ideias articuladas de uma determinada maneira para dar conta deste objeto. Entenda objeto como um conteúdo que fora apreendido pelo indivíduo na construção desta subjetividade mencionada no parágrafo anterior.

Não existe ciência sem teoria. Mas o que é ciência, já que agora você se instruiu no saber sobre o que é teoria? Você deve-se libertar do pensamento cartesiano, para ser alguém além da construção do pensamento do outro, se permitir degustar o pensamento que lhe é oferecido e se oferecer a si mesmo como degustador de sua própria natureza e questionamento interior, porque você deve se visualizar como um gerador de conhecimento também.

Então por que a rede? O que eu sei? Tais coisas sabidas em mim servem para quê? Em que objetos me referencio? Para que servem estes objetos que absorvo? Onde se constroem e conectam os conceitos? E onde se instalam as afirmações e ideias sobre as coisas estudadas? Se ao ler esta sequência de perguntas sua mente foi altamente mecanicista em fluir pela linha de raciocínio sem parar para responder cada questão a sua leitura terá sido em vão, porque você foi incapaz de se permitir ver como o seu interior está flutuando diante de si, se limitou em não se permitir se conectar a descoberta de si mesmo. Portanto ainda há tempo de fazer repercutir em sua alma a construção do verdadeiro humano que precisa gestar dentro de você: retorne para o início do parágrafo e permita se conhecer como uma pessoa que se valoriza como indivíduo.

As subteorizações internas pertencem a uma grande Teoria constituinte de uma ciência. A metáfora é bastante útil para a compreensão de estudos epistemológicos. Herdamos teoria das ciências da natureza. Uma grande Teoria Geral, por exemplo, é a mudança de estados que participa do processo de formação das leis naturais. Assim como na química existe uma lei constitutiva do alicerce de um saber. As leis somente são possíveis pelo cientista porque o objeto de estudo faz parte de um sistema fixo, passível de repetição. A molécula de água não tem escolha, pois elas sempre fazem a mesma coisa. Ela é assim (a molécula de água), ela se faz assim, seu comportamento é uma norma, um padrão que se estudado se torna conhecimento. Portanto é uma constatação do ser algo.

Abro aspas, repare que você no parágrafo anterior foi convidado a absorver uma teoria, construída pela subjetividade em que o Professor gentilmente preparou a matéria, como uma oferta de seus conhecimentos para com seus alunos, mas você na construção do seu subjetivismo seria capaz de se comparar entre o antepenúltimo parágrafo que você fora levado a indagar sobre si mesmo em relação ao parágrafo anterior onde a subjetividade construída sobre a visão sistêmica do outro, para ser levado a intencionar-se a construir um novo agrupamento de ideias entre o que você pensa e o que fora sugerido para uma elevação subjetiva mais profunda? O que está esperando para construir este mecanismo de reflexibilidade em sua mente? O momento é agora.

A realidade humana segue um sentido fraco não submetido as leis e teorias gerais. O objeto de tudo é como a molécula de água, ela tem opinião, faz diferença. Ela nunca entra no rio por uma razão diferente, a não ser seguir o fluxo contínuo, por condicionamento, em que a força da gravidade a faz deslocar por um percurso que lhe ofereça menos resistência.

Na realidade humana e social as coisas são dinâmicas. Determinados efeitos não são possíveis de serem observados. O mesmo fenômeno pode ser observado no que representou a Revolução Francesa como uma dimensão histórica, porém é fácil denotar neste exemplo que nós somos incapazes de controlar a história, mas há quem raciocine que é a história agente de nossa interação no espaço (contribuição de aluno em sala de aula).

O mundo humano e social a gente não controla, não é manipulável porque se desconhece uma lei natural regente de sua estrutura do agir. Nas ciências sociais há um “100 número” de redes, no sentido que cada linha de pensamento segue um saber distinto que se incorpora a uma estrutura mais robusta e complexa geralmente abarcada na forma de nichos de opiniões que refletem estruturas e posições teóricas. Então chegamos a constatação da existência de incontáveis teorias.

Mas por que será que existem tantas teorias? O surgimento de novos objetos exige novas teorias e novas abordagens. Então é hora de você usar a sua memória temporal para abstrair um conteúdo que você sintetizou no meio desta discursão: qual a história da água? A mesma molécula de 1 milhão de anos atrás é a mesma história de hoje? A minha visão (Professor), infere que esta afirmação caminha em seu sentido positivo, ou seja, é a pura realidade, porque o contexto que está sendo evidenciado permite a restrição ao modelo de pensamento em que para se conceituar água é necessário ter duas moléculas de hidrogênio e uma de oxigênio (H2O). Mas como você constrói dentro deste processo de construção de seu subjetivismo este pensamento? Agora é hora de refletir. E ao usar sua memória temporal você traz para o presente o passado que represou e consegue pelo represamento do presente chegar a alegoria do “novo”, da “transformação” em sua vida.

O mesmo não se verifica sobre as ciências sociais. Necessitamos de invenções (teorias) para darmos conta da ciência. A família de 50 anos atrás tinha uma definição; hoje existe outro apontamento.

Existe uma relação entre o que estudo e do que eu sou. Aponta Professor Gilson Ciarallo como sendo uma necessidade de fixação e de intervenção no processo do indivíduo em sua fase de criação. Na minha convicção da coisa estudada nas ciências humanas vai muito além do que eu sou, pois passa a sintetizar uma construção do ponto de vista de quem constrói o saber. É uma subjetividade a construir sua história.

Se observado o rol de ciências que segmentam as ciências humanas, a pura denominação de estruturas do saber, não representa nada relevante porque é sabido que sua função de agregar conhecimento. Em ciências duras e rígidas a tentativa de se conseguir chegar ao benefício do conhecimento faz da discursão um artifício de fundo penoso e doloroso em relação a subjetividade das ciências humanas.

Professor Gilson Ciarallo cita como exemplo extraído de sua memória, no processo de indexação de seus estudos, o exemplo de um indivíduo, ou seja, você leitor, se posicionar diante de uma árvore, (adendo: para assimilar e criar sua subjetividade você deve deslocar a descrição para seu intelecto na forma de imagem em que você é o autor da ação, reflexo do seu pensamento), e passa a desenhar esta árvore como um simples processo de descrição do que você observa introjetado dentro de si. E diante de você o cenário complexo do tridimensional em sua frente, você se intenciona a estender seu contexto e passa a observar, no setting, uma bailarina e passa a se entreter com ela... então seu processo descritivo volta-se a se vincular com suas formas, suas feições, e sua expressividade. A bailarina, assinala o professor, é gente, tem humor, expressa o que pensa na forma de gestos, a bailarina muda de ideia. Ao contrário da árvore que tem seu sentido em “Petra” na configuração de seu espectro movimento. A imagem da bailarina e da árvore não está na mesma capacidade entre as ciências humanas e sociais, mais a árvore está centrada na área de concentração da natureza, porque o objeto de estudo é diferente. Então a dinâmica da realidade dita o tom da necessidade de observação, onde existe uma regularidade sobre o eixo observacional e neste eixo é a teoria.

Abro aspas, cita um aluno, imagine uma caixa onde existam bolinhas vermelhas e amarelas, e estando o observador envolto do seu desejo de degustar a sorte, que sua mão passa a se projetar sobre o interior da caixa, o advento da incerteza, o fará expectar apenas uma esperança de que ele venha a acertar o conteúdo em que a sua ausência de controle é capaz de repercutir sobre o experimento avaliado. Assim como o empirismo de que o sol nascerá todas as manhãs, jamais poderá vir a constituir uma observação pura, porque não são conhecidos todos os “argumentos” para se afirmar que o sol estará em seu eixo todas as manhãs. A isto interveio Professor Gilson Ciarallo ser tratado como uma espécie de conhecimento rotulado como ***Indutivista Ingênuo***. Mas você é capaz de ampliar em sua mente uma linha de raciocínio para construir este conceito dentro de si? E além disto interiorizar o conceito para ver o que ele te trará de representatividade sobre o seu saber na forma de razão? O momento é agora.

Abro Aspas, complementa uma aluna que também é Professora centrada na carreira do Direito, quando Hans Kelsen fez a Teoria Pura do Direito,

Teoria Pura do Direito (em alemão Reine Rechtslehre) é uma obra de Hans Kelsen, filósofo e jurista austríaco - naturalizado estadunidense - sendo a mais famosa destas. Escrito em 1934, o livro se insere nos cânones da escola juspositivista.

Nessa obra, Kelsen busca desenvolver uma teoria científica do direito, definindo a ciência jurídica como campo de estudo cujo objeto são as normas jurídicas positivas. O autor sustenta a necessidade de renunciar ao até então enraizado costume de defender ideais políticos, de caráter subjetivo, em nome de uma ciência do direito supostamente objetiva.

A teoria proposta neste livro foi provavelmente a teoria mais influente do direito produzida durante o século XX. É, pelo menos, um dos pontos altos da teoria jurídica modernista.

...

A Teoria Pura do Direito de Kelsen pretendia elevar o direito à altura de uma ciência genuína, aproximando tanto quanto possível os seus resultados dos ideais de toda ciência: objetividade e exatidão.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_pura_do_direito>

... Ele contribuiu para firmar essa fixação da necessidade do empirismo voltado para um sistema metodológico que possuía uma relação direta do homem para com a natureza. Aproximando o homem de sua realidade causal.

Diante da contribuição da aluna o professor Gilson Ciarallo reintera: porque existe a teoria se a realidade é assim? (No sentido de desdobramentos sucessos de fatos). Existem muitas coisas repetidas entre nós. [Onde o professor volta o seu desenvolvimento da construção do pensamento das ciências sociais.] Pois, seres humanos interpretam atos, e portanto são abastecidos com papéis, em que pode ser observado na sociedade: mães, pais, filhos, sogros, noras, genros, padeiros,... Então veja, o raciocínio deve ser ampliado, pois muito embora haja estas diferenças existem nas ciências sociais, muitas classes que podem ser observadas tipologicamente. Assim como coexistem diversas culturas organizacionais diferentes.

Então nós utilizamos teorias no campo social para obter classificações e definições de conceitos.

A classificação serve como um aprendizado que pode ser incorporado em nós mesmos. E ela segue a linha de raciocínio, como um meio de expressão para a definição de coisas. Por existir “coisas” à medida que nos deparamos com tais estruturas, nomeamos nossas identificações com o objetivo de lhes incorporar uma identidade que seja um conteúdo reflexivo de nossa própria subjetivação.

Para construir um sentido através de conceitos em que se fez a não observação de leis como na física, porque se buscou privilegiar o lado humano no relacionamento do indivíduo consigo mesmo.

Então frisa, Professor Gilson Ciarallo, é a teoria um conjunto de saberes e ideias para entender melhor, para nomear, para buscar a relação entre os conceitos que estão na teoria. Por isto, é muito importante utilizar a teoria no trabalho. Teorias não foram feitas para serem veneradas, elas estão lá para serem agentes de um conteúdo de transformação que cumpra o seu papel para conectar pessoas as suas evidências, e estas, a endentação para suas necessidades. A teoria é reveladora do objeto. Mas o que é o objeto para você? Ou seja, o que você pretende fixar como informação e transformar em conteúdo que represente algo significativo para sua vida?

Assim, nos aproximamos da realidade com a ajuda da teoria, em que aspectos ou atributos ligados a busca, caráter hipotético, gera uma tentativa de explicação a fim de ser definitiva para vir a fugir do dogma. Mas o que é o dogma? Se não tiver você o conceito definido em sua mente de nada valerá seguir sobre a argumentação, e em vez de sentar e chorar, você deve procurar um dicionário para se auxiliar na sua tentativa de construir a subjetividade que permite você edificar um conhecimento existencial e sólido em sua vida.

A teoria das ciências humanas tenta fugir do culto que a produção do conhecimento possa vir a estabelecer um fanatismo em termo de paixões ligadas a estruturas e conceitos morais, onde desta forma, ***FRISO***, eu consegui sintetizar este pensamento do professor. E você como é capaz de perceber este fenômeno? O que tem a oferecer ao mundo quanto a sua experimentação de vida? O momento é agora, reflita.

A efervescência e o entusiasmo estão logo ali na esquina. E do ponto de vista de Rubens Alves existe um papel a ser preservado da teoria onde se oferecem tipologias e comparações que não são definitivas, mas que aproximam da realidade.

O referencial teórico revela para o leitor quais são os recortes para servir como objeto de estudo. O que sabe o ponto de vista acadêmico para o meu trabalho? O Professor Gilson Ciarallo argumenta que este recurso eleva as informações por processo de evocação da memória com a finalidade de transcender a um processo de constituição e formação do pensamento que chegará a construção do trabalho acadêmico.

O referencial teórico revela para o leitor quais são os recortes necessários para servir como objeto de estudo. O que sabe o ponto de vista acadêmico para o meu trabalho? Pois é meu dever, que eu traga estas informações para a formação do meu pensamento ao fazer um trabalho acadêmico.

A construção de um trabalho acadêmico é sempre um diálogo, a gente nunca a constrói sozinho. É sempre uma ação com o outro, uma comunidade que a gente está interagindo e produzindo conhecimento juntos, eu escrevo de forma compartilhada e nunca sozinho, sempre dialogando, comunitariamente. Por isto se cita sempre os autores porque o diálogo que se constrói necessita ser construído.

No contexto de orientador e orientado uma relação bilateral é estabelecida para que a sinergia de construção do diálogo passa ser estruturado. Principalmente nas áreas que tem haver a rivalidade por competição para a prevalência do pensamento, mas quanto mais primitivo este processo a descoberta é um evento natural.

Quando se quer interpretar é necessário saber se a construção fora dirigida sobre que caminhos de reflexão. A escolha do objeto de estudo é influenciada pelo desejo e necessidade de se encontrar uma resposta da evidência em que o par relacional se propõe desenvolver o objeto estudado.

O que tem que ter do ponto de vista da Teoria? E do referencial teórico? Como devemos proceder para a reflexão do tema? Então a Teoria se torna uma estrutura endentada onde o laço programático é estabelecido por uma filiação que envolve: apresentação, delimitação do problema, justificativa, objetivos (geral e específico) e referencial teórico.

No referencial teórico você apresentará a uma biblioteca para realizar uma consulta, essa é a parte de nivelamento acadêmico, onde se concentra o saber.

A divisão entre clássicos e temporâneos é um conceito relativo. Não indexado a uma estrutura temporal. Um ator pode ser clássico na época de Jesus Cristo e outro ser contemporâneo segundo um referencial do mesmo período e em referenciais temporários distintos vir a constituir aspectos avessos a lógica de raciocínio histórico.

A manifestação de realidade ao ser projetada no mundo pode gerar um objeto de análise necessária para o momento presente.

O Professor Gilson Ciarallo argumenta uma experiência vivida por uma aluna que gerenciava um trabalho acadêmico, se sentira constrangida diante dos seus colegas em expor sua intenção de apresentar uma pesquisa de interesse para um nicho específico no ramo musical que não possuía um reconhecimento universal, em outras palavras seu interesse como objeto de estudo estava em sintetizar o saber em torno das cifras musicais de um música (Zeca Pagodinho) que está centrado em um segmento da sociedade que possui um índice elevado de rejeição, do ponto de vista do social dominante. Seria então necessário que a aluna superasse este constrangimento, a fim de provar a necessidade coletiva para abarcar como aprendizado o grupo de pagode como parte de um coletivo que deveria ser respeitado e colabora para a manifestação da cultura. Para sua surpresa, digo, para a surpresa dessa aluna, seu trabalho mereceu grande reconhecimento, ao ponto de fazer parte de um congresso científico renomado na área de atuação em que esta aluna exercia.

Então um grande questionamento está em se identificar a relevância relativa dos saberes para serem estabelecidos denominadores comuns entre o desejo de investigação do sujeito e a necessidade grupal.

O que seria melhor se observado um direcionamento de uma coisa em relação a outro? O mundo está aí para ser explicado, há um olhar que deve ser transmitido a todas as coisas que se conectam para formar o indivíduo.

Porém nem todo livro é para o uso acadêmico quando o foco assim gera uma exigência de consulta em que o segmento não reconhece como válida em termos de qualidade uma informação apresentada dentro de um senso lógico que a qualifique como uma estrutura que está na linha de raciocínio e razão top de um conhecimento.

O que se seleciona não é o que é interessante do ponto de vista individual, a seleção é feita levando em conta o nosso tema nesse objetivo de estudo. O caráter prático e funcional sempre deve estar em volta de nossos objetivos, e isto, é muito importante.

A pesquisa bibliográfica muito ajuda para a construção de um olhar mais aguçado, atento, profundo, mais crítico, mais sofisticado. A revisão bibliográfica ou referencial teórico não deve ser longa. É preciso estar atento aos procedimentos teóricos e se preocupar com os aspectos que envolvem a revisão bibliográfica.

Apud, conforme citado, limito o tema. (A redundância foi propositada para fixar o termo apud)

Fraternalmente,

**Max Diniz Cruzeiro**

LenderBook Company

www.lenderbook.com